



UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
CURSO DE PEDAGOGIA

LUIZA MIKAELLY ROCHA PONTE

**EDUCAÇÃO NA PRIMEIRA REPÚBLICA NO CEARÁ: A IMPLANTAÇÃO DO
GRUPO ESCOLAR DE MARANGUAPE.**

FORTALEZA

2011

LUIZA MIKAELLY ROCHA PONTE

**EDUCAÇÃO NA PRIMEIRA REPÚBLICA NO CEARÁ: A IMPLANTAÇÃO DO
GRUPO ESCOLAR DE MARANGUAPE.**

Monografia submetida à Coordenação do Curso de Pedagogia da Faculdade de Educação, da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial para a obtenção do Título de Graduado.

Orientador: Francisco Ari de Andrade.

FORTALEZA

2011

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Federal do Ceará
Biblioteca de Ciências Humanas

-
- P857e Ponte, Luiza Mikaelly Rocha.
Educação na primeira república no Ceará: implantação do grupo escolar de Maranguape/ Luiza Mikaelly Rocha Ponte. – 2011.
70 f. : il. Color. ; 30cm.
- Monografia (graduação) – Universidade Federal do Ceará, Centro de Humanidades, Faculdade de Educação, Curso de Pedagogia, Fortaleza, 2011.
Orientação: Prof. Dr. Francisco Ari de Andrade.
1. Educação - Ceará. 2. Edifícios escolares. 3. Escolas – Organização e administração. I. Título.

CDD 370.98131

LUIZA MIKAELLY ROCHA PONTE

**EDUCAÇÃO NA PRIMEIRA REPÚBLICA NO CEARÁ: A IMPLANTAÇÃO DO
GRUPO ESCOLAR DE MARANGUAPE.**

Monografia submetida à Faculdade de Educação, da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial para a obtenção do Título de Graduado em Pedagogia.

Conceito obtido:

Nota obtida:

Aprovada em: ___/___/___

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Francisco Ari de Andrade (Orientador)

Universidade Federal do Ceará- UFC

Prof. Dr. Raimundo Elmo V. Junior (Membro)

Universidade Estadual do Ceará- UECE

Prof. Dr. Luis Tavora Furtado (Membro)

Universidade Federal do Ceará- UFC

Ao meu avô, minha avó (*in memoriam*) e minha mãe.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, meu guia espiritual, minha fonte de vida, por jamais me deixar perder a fé e a esperança.

Aos meus avós, que me proporcionaram o acesso à escola, pois se não fosse por eles, jamais haveria chegado até aqui.

À minha mãe, que sempre me ensinou valores simples e fundamentais à minha caminhada e sempre esteve ao meu lado, concedendo-me o apoio de que precisava.

Aos meus amigos Felipe e Mirley, que vivenciaram e compartilharam comigo trabalhos e momentos felizes no decorrer desta faculdade.

Ao meu orientador, professor Ari de Andrade, por acreditar em mim, por sua orientação, ajuda, apoio, força e compreensão, elementos fundamentais para que eu acreditasse que seria possível concluir o percurso.

Aos funcionários do colégio Capistrano de Abreu, antigo Grupo escolar Benjamim Barroso, onde realizei minha pesquisa.

Muito obrigada!

“Qualquer obra que enfoque seriamente o resgate dos fatos ocorridos e que de volta traga alguma contribuição ao presente é bem vinda”.

(Nirez Azevedo)

RESUMO

Este trabalho reflete a organização do ensino primário cearense, com a criação do Grupo Escolar, na cidade de Maranguape, região metropolitana de Fortaleza. A iniciativa de pesquisa neste âmbito justifica-se pela experiência como bolsista de iniciação científica no projeto intitulado *A implantação do grupo escolar e a modernidade do ensino primário em Fortaleza, no início do século XX* durante os estudos de graduação, cuja pesquisa tratava da organização do ensino cearense na primeira república, no governo Nogueira Accioly. Este período caracteriza-se pela implantação do modelo pedagógico de Grupos Escolares, que se reuniam em um só prédio, superando as escolas isoladas da região. A pesquisa foi delimitada no período de 1916 a 1919. O texto é composto por dois capítulos teóricos e um capítulo de análise de documentos. A pesquisa possibilitou o contato e, a partir dele, uma visão crítica da realidade da época. A província do Ceará, como era conhecida a federação na época, ficou responsável pela educação primária para a população. O ensino primário, organizado em primeiro e segundo graus e dividido em cinco classes, encontrava-se em decadência devido à precariedade das escolas que funcionavam isoladas. Diante dessa carência, o Poder Público começou a preocupar-se e então, no ano de 1907, fundou o primeiro grupo escolar cearense. Por conseguinte, no ano de 1916 foi inaugurado, em Maranguape, o segundo grupo escolar da capital.

Palavras-chave: Educação; Grupo escolar; Maranguape; Organização do ensino- república.

ABSTRACT

This work reflects the organization of primary Ceará, with the creation of the primary school in the town of Marazion, metropolitan region of Fortaleza. The research initiative in this area is justified by the experience as a scholar of scientific initiative in the project entitled Implementation of the modern elementary school and primary school in Fortaleza, in the early twentieth century during the undergraduate studies, whose research dealt with the organization of teaching Ceara in the first republic, the government Accioly Nogueira. This period is characterized by the implementation of the pedagogical model of school groups who gathered in one building, surpassing the individual schools in the region. The research was delimited in the period 1916 to 1919. The text consists of two chapters and a chapter on theoretical analysis of documents. The research enabled the contact, and from it, a critical view of the reality of time. The province of Ceara, the federation as it was known at the time, was responsible for primary education for the population. Primary education, divided into first and second degrees and divided into five classes, was in decline due to poor schools that operate in isolation. Faced with this shortage, the Government began to worry and then, in 1907, founded the first school group Ceará. Therefore, in the year 1916 opened in Marazion, the second group of school capital.

Keywords: Education, School Group, Marazion, teaching and organization of the republic.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

FIGURA 1	Mapa político da cidade de Maranguape	17
FIGURA 2	Bandeira da cidade de Maranguape	18

LISTA DE TABELAS

TABELA 1	Corpo docente do Grupo escolar Benjamin Barroso, em 1916	30
TABELA 2	Corpo docente do Grupo escolar Benjamin Barroso, em 1917	30
TABELA 3	Corpo docente do Grupo escolar Benjamin Barroso, em 1918	31
TABELA 4	Corpo docente do Grupo escolar Benjamin Barroso, em 1919	31
TABELA 5	Movimento anual de matrículas - 1916 a 1919	32
TABELA 6	Movimento anual de matrículas por classe - 1916 a 1919	33

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	12
2 A HISTÓRIA DE MARANGUAPE	14
2.1 A origem da cidade de Maranguape	14
2.2 A face física de Maranguape.....	16
2.3 Aspectos econômicos, culturais e administrativos de Maranguape.....	19
2.4 O início da educação em Maranguape.....	21
3 ORGANIZAÇÃO DA EDUCAÇÃO PRIMÁRIA DO CEARÁ NA PRIMEIRA REPÚBLICA	23
3.1 A legislação para criação dos grupos escolares	23
3.2 Grupos Escolares: promessa de renovação.....	25
3.3 Estrutura física dos Grupos Escolares.	27
4 GRUPO ESCOLAR BENJAMIM BARROSO: a modernidade do ensino.	28
4.1 Aspectos históricos do Grupo Escolar Benjamim Barroso.....	28
4.2 As primeiras professoras.....	29
4.3 Os alunos: matrícula, frequência e permanência	32
4.4 Descrição fiscal do Grupo Escolar Benjamin Barroso	34
4.5 Análise pedagógica do Grupo Escolar Benjamim Barroso	35
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	38
REFERÊNCIAS	39
ANEXOS	40
ANEXO A – OFICIO DE ABERTURA DO GRUPO ESCOLAR BENJAMIM BARROSO .	41
ANEXO B- OFICIO DE EXPULSÃO DO ALUNO	42
ANEXO C- OFICIO DE SOLICITAÇÃO DE CERTIFICADOS	43
ANEXO D- TEXTO DO CERTIFICADO SOLICITADO PELA DIRETORA	44

ANEXO E- RELATÓRIO DE PRESTAÇÃO DE CONTAS APRESENTADO AO SECRETARIO DO INTERIOR REFERENTE AO PERIODO DE 21 DE JULHO DE 1916 A 31 DE DEZEMBRO DE 1917	45
ANEXO F- RELATÓRIO DE PRESTAÇÃO DE CONTAS APRESENTADO AO SECRETARIO DO INTERIOR REFERENTE AO PERIODO DE 1918- 1919	54
ANEXO G- RELATÓRIO DE PRESTAÇÃO DE CONTAS APRESENTADO AO SECRETARIO DO INTERIOR REFERENTE AO PERIODO DE 1916-1918	62

1 INTRODUÇÃO

A presente pesquisa insere-se no campo da história e historiografia educacional brasileira. Seu recorte temporal é a primeira década do século XX. Visa investigar a implantação dos primeiros grupos escolares cearenses, na primeira década da República.

A edificação de grupos escolares determina a chegada da pedagogia moderna no Brasil, no final do século XIX. A partir daí, tentando suplantando o modelo de escolas de ensino mútuo, os grupos escolares são enunciados como “promessa de renovação” para a educação moderna. Estudaremos, portanto, a educação no estado do Ceará, no período da primeira república, a partir da implantação do grupo escolar na cidade de Maranguape.

A busca pelo conhecimento da educação brasileira na primeira república e sua organização é um passo para a compreensão da organização escolar no Ceará. É importante salientar que a escolha dessa temática proporciona, através de um resgate da história, a associação do modelo de ensino da época, as aulas régias, com a criação dos grupos escolares.

Desta forma, buscaremos compreender como se dava a proposta de organização e funcionamento desse grupo escolar de Maranguape. Para tal compreensão, foi realizado um levantamento de fontes documentais colhidas no próprio Grupo Escolar da cidade maranguapense. Após esse resgate, foi realizada uma análise de todas as informações pertinentes à realização desta pesquisa.

A coleta de dados para o desenvolvimento da pesquisa foi realizada durante o período de março a agosto de 2011. O recorte histórico analisado encontra-se no início da primeira república cearense, mais precisamente entre os anos de 1916 a 1919. A área em estudo compreende o município de Maranguape, beneficiada diretamente pela implantação de um grupo escolar, na época considerado o segundo grupo escolar implantado no estado do Ceará.

O município de Maranguape pertence à mesorregião metropolitana de Fortaleza. Os dados primários utilizados na análise provêm de um apanhado de documentos colhidos na instituição pesquisada: o Grupo Escolar Benjamim Barroso, atualmente conhecido como Capistrano de Abreu.

Os dados utilizados na análise partem dos estudos de relatórios anuais de funcionamento do grupo escolar, e de *sites*, livros, publicações, dissertações e relatórios de pesquisa, além de uma ampla revisão de literatura sobre a educação no primeiro período republicano cearense. As técnicas de pesquisa utilizadas nesse estudo foram pesquisa bibliográfica e documental dos relatórios encontrados no Grupo.

No primeiro momento, março de 2011, foi realizado um contato informal com os funcionários do antigo grupo escolar, cuja intenção era encontrar material que possibilitasse a realização desta pesquisa. Neste momento foi possível realizar levantamentos preliminares sobre o assunto que seria estudado. Além disso, o primeiro contato com os documentos.

No segundo momento, iniciou-se o trabalho de campo. Foi realizada, primeiramente, uma série de visitas à instituição e, então começaram a ser recolhidos os dados úteis para a realização desta pesquisa. Vale salientar a dificuldade encontrada para fotocopiar os cadernos de relatórios, pois, por pertencerem ao arquivo morto da escola, houve resistência por parte da diretoria do Grupo em disponibilizar o material.

Para concluir, apresentaremos a síntese de organização do texto e a discussão travada em cada capítulo. Este trabalho está dividido em três capítulos.

O primeiro capítulo apresenta a história da cidade de Maranguape, no recorte histórico da primeira década do século XIX. Nele encontramos um pouco da organização política, religiosa, social e educacional da época – sendo este último o que mais nos interessa, pois se encontra nesta cidade o objeto de estudo da pesquisa.

O segundo capítulo aborda a organização do ensino primário no período republicano brasileiro, estabelecendo diálogo com autores da área de história da educação que discutiram o aspecto da organização deste em seus trabalhos.

A análise de documentos inicia-se no terceiro capítulo. Nele, identificamos os incentivos financeiros e materiais escolares fornecidos pelo estado para a instituição escolar, assim como também analisamos como se dava a distribuição de cargos por nomeação.

A descoberta dessas informações contribuirá sobremaneira para a educação brasileira atual, apresentando informações relevantes sobre o período histórico da época e como se dava a gestão do grupo escolar maranguapense e, dessa forma, fornece aos educadores e pesquisadores em Educação subsídios importantes para a compreensão do processo educativo nos dias atuais.

2 A HISTÓRIA DE MARANGUAPE

2.1 A origem da cidade de Maranguape

MARANGUAPE

Ergue-se aqui a serra verdejante,
uma planície extensa dominando;
Além vê-se outra serra mais distante
sobre um vasto horizonte branquejando.
A serra e a cidade ao mesmo instante
o mesmo nome está denominando,
ele é o ninho de amores pipilante
e é montanha às alturas se elevando.
Cidade de modesta arquitetura
que tem prados de esplêndida verdura
e um valor mais real e mais humano:
Maranguape, entre serras escondida,
Fê-la Deus, dentre as outras, escolhida
para a terra natal de Capistrano.

José Mavignier

Segundo informações contidas no site institucional da Prefeitura Municipal de Maranguape¹, a cidade originou-se com a chegada da expedição holandesa liderada por Mathias Beck, em 1649. Ao chegar à terra, dominou a aldeia indígena potiguara durante cinco anos, quando foi expulso do Brasil.

Quando se inicia a divisão das sesmarias, pela coroa portuguesa, os primeiros beneficiados foram Pedro da Silva e Amaro Morais, que a 12 de julho de 1707, tomaram posse da parcela de terra doada, local este onde se formaria a povoação. Em posteriores concessões, são beneficiados, na mesma região, os seguintes: Jorge da Silva, em 29 de dezembro de 1711, Capitão Soares de Oliveira, em 17 de julho de 1717, José Gonçalves Ferreira Ramos e Filipe Lourenço Ramos, em 1790.

1 Disponível em: <www.maranguape.ce.gov.br>

As origens maranguapenses elevam as raízes da pré-colonização, com o nome de *Maragoab*, em referência ao lendário cacique potiguar que dominava a região, conforme cartografia antiga.

O processo definitivo de povoamento das terras de Maranguape somente ocorreu no início do século XIX, com a chegada do português Joaquim Lopes de Abreu. Nascido no ano de 1763, veio ainda adolescente para o Brasil, e em 1790, já se encontrando na capitania do Siará-Grande, pediu três léguas de terra alegando que ia instalar um engenho na região, onde mais tarde ergueu-se a cidade de Maranguape. Casou-se em 1798, com Maria Teresa de Jesus, filha de português e natural do Ceará, com quem teve treze filhos: três homens e dez mulheres. Com Abreu, nasceu o núcleo original da atual cidade de Maranguape, um arruado nascido à margem esquerda do riacho Pirapora, tendo ao lado uma capela erguida pelo colonizador lusitano, em honra de Nossa Senhora da Penha, para atender as necessidades religiosas dos moradores que se ocupavam nas atividades agrícolas, especialmente na cultura do café. Em 1826, Abreu requereu e obteve a sesmaria de Columinjuba, anexando-a aos seus territórios. Este foi o berço do historiador Capistrano de Abreu, descendente do fundador.

Joaquim Lopes de Abreu faleceu em Fortaleza, no dia 04 de setembro de 1849, com 86 anos de idade. Foi um dos patriarcas da Família Abreu. Muito importante para a história política, econômica e cultural maranguapense.

Em 1851-1852, a produção de café da província era obtida quase toda nas serras de Maranguape. O aglomerado recebeu o nome de Alto da Vila, onde hoje se situa o bairro denominado Outra Banda.

Em 1760, o povoado foi rebatizado como Maranguape. A primitiva capela, que teve como padroeira Nossa Senhora da Penha, situava-se à margem direita do Riacho Pirapora, no lugar posteriormente denominado de Outra Banda. Por falta de condições físicas, a primeira capela foi demolida e, logo em seguida, foi construído um novo templo com estruturas mais amplas. As obras foram suspensas por motivo de desavenças entre os habitantes de Outra Banda e os moradores da margem esquerda do riacho Pirapora. A questão girava em torno do padroeiro cuja preferência se dividia entre Nossa Senhora da Penha e São Sebastião. Resultou, então, do impasse, a edificação do templo dedicado a São Sebastião e o reerguimento da extinta capela em honra de Nossa Senhora da Penha, dividindo-se também o padroado.

A elevação do povoado à categoria de distrito, com vinculação ao Município de Fortaleza, ocorreu segundo o Ato Provincial de 1º de janeiro de 1760. No segundo Ato Provincial, datado de 18 de março de 1842, fundiu-se o distrito ao Município de Fortaleza,

desaparecendo a individuação anterior. Em Lei Provincial nº 553, de 17 de novembro de 1851, deu-se a sua desvinculação do Município de Fortaleza e, conseqüentemente, a sua elevação à categoria de vila, em 17 de novembro de 1851.

De acordo com Leitão (2009, p.67), o documento oficial contém a seguinte redação:

ART.1º - Fica elevada à categoria de Vila a povoação de Maranguape, com a mesma denominação.

ART.2º - A povoação só será erecta em Vila depois que for edificada uma Casa da Câmara, cuja planta deve ser aprovada pelo Presidente da Província.

ART.3º - Os limites da Vila criada por esta lei são os seguintes: ao lado nascente do Siqueira, no lugar onde extrema a freguesia com a desta cidade, seguindo rumo à Lagoa do Gereraú e daí a encontrar o termo da freguesia da Vila de Aquiraz, sendo os mais limites os mesmos da freguesia.

ART.4º - Haverá em dita Vila um só tabelião público, judicial e de notas, que será igualmente escrivão do crime, cível e de órfãos.

ART.5º - Revogam-se as disposições em contrário.

JOAQUIM ALMEIDA REGO - Presidente da Província do Ceará.

Sua elevação à categoria de município ocorreu segundo Lei Provincial nº 1.282, de 28 de setembro de 1869, com a denominação atual Maranguape, ganhando status de cidade e emancipando-se de Fortaleza.

2.2 A face física de Maranguape

O município de Maranguape situa-se no nordeste do Estado do Ceará, no sopé da serra de Maranguape, na mesorregião metroopolitana de Fortaleza.

Está localizada sobre uma área de 654,8 km² a 68,57 m de altitude em relação ao nível do mar. De acordo com o Censo IBGE 2010, a população de Maranguape é de 113.561 habitantes.

Limita-se, ao Norte, com os municípios de Caucaia e Maracanaú; ao Sul, com os municípios de Caridade, Palmácia e Guaiúba; a Leste, com os municípios de Guaiúba, Maracanaú e Pacatuba e, a Oeste, com os municípios de Caridade e Pentecoste, conforme mostra o mapa abaixo.



Figura 1: Mapa Político da cidade de Maranguape. Fonte: site institucional da cidade.

Com a emancipação do distrito de Maracanaú, em 1983, o Município de Maranguape passou a contar com os seguintes distritos: Sede, Amanari, Tanques, Cachoeira, Ladeira Grande, Lagoa do Juvenal, Papara, Manoel Guedes, Penedo, Itapebussu, Sapupara, Jubaia, Antônio Marques, Vertentes do Lajedo, Umarizeiras, Lages e São João do Amanari.

Outras emancipações geradas a partir do território original de Maranguape deram origem a outros municípios, como Pacatuba, em 1869, Palmácia, em 1957, Maracanaú, em 1983, e Guaiúba (desmembrado de Pacatuba), em 1957.

Na bandeira da cidade de Maranguape, criada por André Soares Bandeira, professor e ex-secretário de administração e finanças na gestão do ex-prefeito José Gurgel Filho, estes distritos encontram-se representados. O desenho da bandeira foi escolhido através de concurso instituído pela Prefeitura Municipal de Maranguape e Secretaria de Educação, no dia 03 de setembro de 1971. Seu desenho consiste em um retângulo dividido em quatro campos alternados em branco e verde, separados por linhas diagonais a partir dos cantos do retângulo. No centro, está um disco azul, no qual aparecem uma faixa amarela com o nome do município na cor verde e ondulações verdes que representam as montanhas, especificamente, a serra de Maranguape. Há também estrelas enfileiradas, representando os distritos, e uma estrela maior, que representa a sede.



Figura 2: Bandeira da cidade de Maranguape. Fonte: site institucional da cidade.

A terra de Capistrano de Abreu, como é conhecida a cidade de Maranguape, localiza-se a 30 km de Fortaleza e suas principais vias de acesso são a CE-065 (acesso a Fortaleza e Palmácia) e a CE-455, (acesso a Canindé).

Em seu relevo, destacam-se as serras da Aratanha, Lajedo e Pelada, sendo a mais famosa referência a Serra de Maranguape, cujo ponto culminante é o Pico da Rajada, com 920 m de altitude em relação ao nível do mar. Existem também o Pico da Pedra Branca e o Cume do Lajedo. Outras serras e serrotes, como Taquara, Quati, Jereraú e Correntes, compõem o espinhaço montanhoso de Maranguape, de onde brotam nascentes de riachos de água cristalina, como o Gavião e o Pirapora, cachoeiras e rios.

Segundo recorte apresentado por Câmara (1999, p.35), a natureza de Maranguape é descrita da seguinte maneira:

A serra é fértil e bela. De fortaleza ela é vista esbatendo ao longe o seu perfil anguloso, azulando no horizonte, inspiradora talvez da evocação romântica de Alencar numa página que lembra todas as serras do Ceará. Cortada de córregos que serpeiam entre árvores seculares, está hoje entremeada de sítios aprazíveis onde se erguem belas vivendas da burguesia rica de Fortaleza. A temperatura é amena e a vegetação é verde, há relativa abundância de água. Como as outras serras do Estado, é um hiato na paisagem seca do Ceará. Sua floresta, no princípio do século, era vasta e exuberante. Contudo, por sobre a serra e suas encostas, ainda avulta o verde das maçarandubas, dos jatobás, das canafístulas, das tatajubas, dos cedros escassos e dos anjicos frondosos, entre os quais se entremeiam o amarelo e o roxo dos paus d'arco senhoriais. Esse império verde se derrama pelo sopé da serra, balizando a zona formada pelas terras ricas dos aluviões que as águas arrastam das encostas.

2.3 Aspectos econômicos, culturais e administrativos de Maranguape

Segundo Leitão (2009, p.66), “o grande sonho de qualquer comunidade urbana era a estrada de ferro”. Assim, um fato importante para o desenvolvimento da economia maranguapense foi a construção da ferrovia. Em 1836, o Presidente da Província, padre José Martiniano de Alencar (pai do romancista José de Alencar), ordenou a construção da estrada de ferro entre Fortaleza e Maranguape.

A primeira estação ferroviária foi instalada no distrito de Maracanaú. No dia 14 de janeiro de 1875, chegou à cidade, ligando-a a Fortaleza por uma extensão de 22,649 quilômetros, por meio de uma composição velha, chamada Maria Fumaça. Logo depois, também foi construído um ramal para servir à sede, inaugurado em outubro de 1893. Conforme afirma Leitão (*Op. Cit.*), “com o trem os maranguapenses conquistaram, ainda no século XIX, um excelente meio de escoamento de sua produção e de intensificação de seu vínculo com a capital”.

Concomitante ao período em que chegava a estrada de ferro e o trem na cidade, acontecia algo importante para a cultura maranguapense: a circulação do 1º jornal da cidade, a partir do dia 1º de fevereiro de 1874, “fundado pelos irmãos Conde: Justiniano, Francisco e João de Oliveira Conde, tinha o nome de ‘Maranguapense’ e era semanal” (LEITÃO, 2009, p.182). Como colaboradores estavam Capistrano de Abreu, José Sombra e Martinho Rodrigues. Sua redação possuía teor literário, comercial e noticioso. Com o título ‘O Maranguape’ houve outros cinco jornais em períodos distintos.

Devido ao solo de textura argilosa, ideal para a plantação de cana-de-açúcar e café, Maranguape produziu diversas culturas agrícolas. A essa variação de cultivos, destacam-se também a plantação de algodão, milho, feijão e mandioca. Somando-se a isso, o clima sempre foi favorável para o cultivo de legumes e frutas. Maranguape se destacou por ser o primeiro produtor de algodão do Ceará. Não podemos esquecer, ao falar da produção de cana-de-açúcar, de citar a indústria de aguardente Ypióca Agroindústria LTDA, fundada em 1846, característica da economia maranguapense.

Durante o período imperial, a administração do Município era exercida pelo presidente da Câmara Municipal, que recebia o título de intendente. Destacaram-se dois nomes desse período, por terem ocupado a Intendência em mais de uma ocasião: Joaquim José de Souza Sombra (o primeiro a ter o título de intendente) e José de Moura Cavalcante.

Com a chegada do período republicano, os intendentos – como eram chamados os prefeitos – passaram a ser nomeados pela Presidência do Estado. Dos intendentos republicanos destacam-se:

1. João Correia de Melo;
2. Miguel Batista Vieira;
3. Horácio Gomes da Costa;
4. Antônio Correia de Melo Filho;
5. Júlio Prata;
6. Afro Tavares Campos;
7. José Tavares Campos;
8. Joaquim Correia Sombra.

A partir de 1914, o chefe do Poder Executivo Municipal passou a ser chamado de prefeito. Eis a sequência dos Prefeitos Municipais de Maranguape:

1. Manuel de Paula Cavalcante (1914-1918);
2. Otávio Albino de Oliveira (1919-1920);
3. Manuel Onulfo Câmara (1920-1923);
4. João Oliveira Mota (1924-1925);
5. Napoleão Leocádio de Lima (1925-1928);
6. Otávio Albino de Oliveira (1928-1930);
7. José Augusto Bezerra (1930-1933);
8. José de Paula Costa (1934, de março a julho);
9. Ósimo de Alencar (1934, julho);
10. Aristóteles Canamari Ribeiro (1934, agosto);
11. José de Paula Costa (1934-1935);
12. Manuel Severo Barbosa (1935-1936);
13. Raimundo Lopes Magalhães (1936, de fevereiro a junho);
14. Paulo Campos Teles (1936-1938);
15. João Facundo Barbosa (1938-1944);
16. Almir dos Santos Pinto (1944-1945);
17. Walter de Mendonça Lopes (1945-1946);
18. Almir dos Santos Pinto (1946, de maio a dezembro);
19. Valdir Bezerra (1947, de janeiro a fevereiro);
20. José Fernandes Vieira (1947-1948);

21. Humberto Correia Mota (1948-1951);
22. Antônio Marques de Abreu (1951-1955);
23. Humberto Correia Mota (1955-1959);
24. Antônio Botelho Câmara (1959-1963);
25. Paulo Afonso Cirino Nogueira (1963-1967);
26. Antônio Botelho Câmara (1967-1971);
27. Paulo Afonso Cirino Nogueira (1971-1973);
28. José Gurgel Filho (1973-1977);
29. Antônio Gonçalves Moreira (1977-1983);
30. Pedro Pessoa Câmara (1983-1989);
31. Raimundo Gomes de Matos (1989-1993);
32. Pedro Pessoa Câmara (1993-1997);
33. Raimundo Nonato de Oliveira (renunciou em novembro de 1997);
34. Raimundo Marcelo Carvalho da Silva (era o vice-prefeito e assumiu em 1997. Foi reeleito em 2000 e renunciou em maio de 2004, para concorrer à Prefeitura de Fortaleza);
35. Francisco Eduardo Mota Gurgel (concluiu o mandato anterior e foi reeleito em 2004);
36. George Lopes Valentim, eleito em 2008, aos 32 anos de idade, portanto o prefeito mais jovem da história do município.

É importante ressaltar que no período republicano, até o ano de 1930, esse sistema vigorou, mas foi com a Revolução de 30 que foi criada a figura de prefeito como também da prefeitura. As eleições para prefeitos não aconteciam. Eles eram indicados pelos presidentes dos estados. Daí, a partir do ano de 1934, foi decretado pela constituição que os prefeitos passavam a ser escolhidos pelo povo, por meio da eleição.

2.4 O início da educação em Maranguape

No início do século XIX, a educação exercida na província do Ceará era a educação doméstica, ou seja, as práticas educativas de ensino eram realizadas na casa dos aprendizes, constituindo-se uma educação elitizada. Segundo Vasconcellos (2005, p.3):

A educação doméstica correspondia ao longo do referido período em uma aspiração das elites, no sentido de aliar instrução (ou erudição) a uma educação intelectual (e comportamental) correlata ao sistema de normas, valores e crenças da elite brasileira do século XIX.

Dessa maneira dava-se a educação em Maranguape. Os ‘professores ambulantes’ iam de sítio em sítio ensinar os filhos dos proprietários. A primeira escola de primeiras letras funcionou na própria casa do professor designado para tal cargo, chamado Joaquim Lopes da Cunha, que recebia um ordenado anual de trezentos mil réis.

Acompanhando a evolução educacional que se dava, com a chegada do período republicano, instala-se em prédio apropriado a primeira escola baseada nos padrões de ensino contemporâneos.

Segundo Leitão (2009, p.61):

As escolas urbanas de Maranguape foram todas reunidas no que se chamou do Grupo Escolar Benjamim Barroso, em homenagem ao Presidente de Estado da época e foi inaugurado a 21 de julho de 1916. Funcionou no Solar das Correias, na Praça da Matriz, e teve como primeira diretora Dona Cândida Vieira Cavalcante e como professoras Alice Vieira Chaves, Maria Leonese de Souza Brasil, Lidia de Pontes Vieira, Emilia de Pontes Vieira e Isabel Amélia Pereira.

A inauguração do Grupo deu-se no governo do então Prefeito Manuel de Paula Cavalcante. A organização dessa forma de ensino ocorria conforme modelo gradual seriado, respeitando a relação entre série e idade dos alunos, sob a regência de uma professora por sala.

No capítulo seguinte, veremos como se organizava o ensino primário cearense na primeira republica, o que permitirá perceber melhor a ação do estado no que diz respeito a esse nível de ensino.

3 ORGANIZAÇÃO DA EDUCAÇÃO PRIMÁRIA DO CEARÁ NA PRIMEIRA REPÚBLICA

[...] eu não posso compreender radicalmente o presente se não compreender as raízes, o que implica o estudo da gênese.
(Saviani, 2007)

3.1 A legislação para criação dos grupos escolares

Com o surgimento da República no Brasil, no século XIX, a escola primária ganhou importância, a partir da discussão sobre a educação para as massas.

No contexto da Revolução Industrial, a educação exercia uma função social, pois os pobres, ao invés de partirem para a criminalidade, teriam a opção da escola primária. A sociologia clássica defendia que a educação valorizaria as individualidades e não as reprimiria ou comprimiria. Essa educação tinha de engrandecer os seres humanos (DURKHEIM, 2001, p.59).

O primeiro passo para a criação da educação pública no Brasil foi a promulgação, feita por D.Pedro I, da Lei Geral de 15 de outubro de 1827, que focalizava a criação de escolas de ensino de primeiras letras, tanto para o sexo masculino, quanto para o sexo feminino. A referida lei transferia para as províncias a responsabilidade pelo ensino elementar e caberia ao governo central a responsabilidade pela educação na corte.

Essa descentralização do controle da educação foi uma transferência de responsabilidade, pois não haviam professores qualificados para o ensino, sendo estes remanescentes das aulas régias da época pombalina. A província também se responsabilizava pela escolha e demissão dos professores e taxaço de salários.

Ao ensino de primeiras letras, nas salas multisseriadas, foi instituído o ‘método de ensino mútuo’, também conhecido por ‘Método Lancaster’. Esse método caracterizava-se pela utilização de monitores, sendo estes os alunos mais aplicados em determinada matéria, que repassavam o conteúdo aos outros alunos. Dessa forma, buscava-se a dinamização do processo de ensino-aprendizagem dos alunos e a minimização da falta de professores.

Como forma de fiscalizar e acompanhar o ensino dado em cada província, foi criado o cargo de Diretor Geral dos Estudos que, através de um relatório anual, informava sobre as

matrículas e a aprendizagem dos alunos. O referido diretor prestava contas aos governos provinciais.

Posteriormente, com o ato adicional de 1834, já no fim da primeira fase imperial, estabelecia-se uma reforma na constituição imperial. Pelo art. 10º § 2º, ficava estabelecida a descentralização do ensino, atribuindo às assembleias provinciais a missão de promover a educação nas províncias.

“A descentralização ocorrida com o ato adicional de 1834, conforme fora dito, delegou às províncias o direito de regulamentar e promover a educação primária e secundária” (ROMANELLI, 1995, p.40).

Com isso, a educação primária do Ceará começou a organizar-se. Andrade (2011) afirma que, pretendendo substituir o modelo de escolas reunidas e isoladas em vigor, o governo republicano cearense publicou dois documentos direcionados para a reformulação da educação primária no estado: o Regulamento da Instrução Primária, de 13 de março de 1905 e o Regimento dos Grupos Escolares, de 07 de dezembro de 1906.

Esses regulamentos conferiram à educação primária cearense um caráter orgânico, ou seja, de instituição regida por uma legislação própria. Iniciou-se, então, a implantação dos grupos escolares de Fortaleza.

Os grupos escolares encaixavam-se no ideário republicano de modernização da sociedade e da escola. Baseavam-se na pedagogia moderna, que favorecia o ensino laico e gratuito, cujo currículo era homogêneo e de orientação pedagógica desenvolvida sobre os pressupostos do método intuitivo.

O método intuitivo, também conhecido como método da lição das coisas, ao contrário do ensino mútuo, baseava-se no princípio da observação e percepção dos alunos para o desenvolvimento dos processos cognitivos, partindo do conhecido para o desconhecido. A metodologia de ensino utilizada na época partia de visitas, excursões, passeios ou conversas, o que promovia na criança a capacidade de desenvolver o exercício de observação do meio, aguçando os sentidos e habituando-se a isso. “Rejeitando a educação livresca, a criança deveria aprender a ler o mundo visível, pela observação e percepção das relações entre os fenômenos” (ARANHA, 2006, p.232).

Nesse sentido, projetou-se uma reforma de ensino primária na realidade da educação cearense, a partir de 1907. O Grupo Escolar da cidade de Maranguape foi inaugurado no ano de 1916, sendo considerado o segundo criado no Estado do Ceará.

A seguir, apresentamos a Ata de Criação da referida instituição de ensino:

Grupo Escolar da cidade de Maranguape, 21 de julho de 1916.

Nº 1

Exmo. Snr. Dr. José Saboya d' Albuquerque

M.D. Secretaria de Negócios do Interior

Tenho a subida honra de communicar a V.Excia que n'esta data foi installado o Grupo Escolar d'esta cidade e que assumindo eu a Directoria dei posse as professoras: D.D Emilia de Pontes Vieira da 1ª classe; Lydia de Pontes Fernandes Vieira da 2º classe; Izabel Amelia Pereira da 3º classe; Maria Leonese de Souza Brazil da 4º; e Alice Vieira Chaves da 5º, as quaes assumiram o exercicio de suas funcções.

Deus guarde a saude de V.Excia como cordealmente desejo.

A Directora

Candida Vieira Cavalcante.

Como pode ser verificado no documento acima, o diretor da instrução pública do estado, ao criar o Grupo Escolar, fez a imediata nomeação das professoras com suas respectivas salas de aula. Com tal ato, a cidade de Maranguape adentrou no mundo da escola moderna.

3.2 Grupos Escolares: promessa de renovação

Inspirados no modelo europeu de organização do ensino, de países não republicanos, os grupos escolares começaram a serem implantados no Brasil, no ano de 1891, na reforma de Caetano de Campos. O primeiro grupo foi o de São Paulo e reunia, em um só prédio, de quatro a dez escolas. Essa organização deu início a um novo modelo de organização escolar, no início da república brasileira. Em cada grupo havia um diretor e tantos professores quantas escolas estivessem reunidas para compô-lo. Os grupos escolares eram também chamados de escolas graduadas, pois os alunos passavam, gradativamente, da primeira para a segunda, desta para a terceira até concluir a última série. Isso implicava uma progressividade da aprendizagem.

Shueller e Gondra (2010, p.105) realçam o debate descrevendo o ambiente do modelo escolar discutido acima:

Práticas ditas modernas (tais como ensino seriado, os novos saberes, os museus pedagógicos, os laboratórios, as excursões e passeios conviviam e negociavam, porém com a tradição [...]) O tratamento dispensado pelos professores às crianças deveria seguir o princípio da igualdade entre elas, sem prejuízo de exercício da autoridade e do respeito às normas e à hierarquia. Cumprir a hierarquia e efetivar a concretização das normas eram também deveres dos professores: seu trabalho docente, as atividades cotidianas de ensino, o registro de cada aluno de suas classes, deveriam ser documentados, passando por escrituração minuciosa, que era entregue à avaliação do diretor e arquivada nas escolas [...]

O diretor, figura particular nessa nova forma de organização escolar, centralizava a administração do ensino, mantendo sob a sua autoridade e gestão os professores, alunos e demais funcionários a instituição. Representava e respondia, ainda, pela escola, perante as autoridades, a comunidade e as famílias. A experiência prévia como professor e regente de classe era uma exigência a ser cumprida, sempre que possível, para que o indivíduo alçasse essa função, indicando o desdobramento e a ampliação dos sentidos do trabalho docente, que poderia incluir então a gestão de não mais apenas uma classe ou casada escola, mas de todo o grupo escolar.

O currículo de ensino utilizado nos grupos escolares era baseado nos pressupostos da Pedagogia Moderna. Nele, encontravam-se disciplinas que trabalhavam o desenvolvimento integral da criança - a educação física, moral e intelectual.

Segundo Souza (2004, p.127):

Ela reportava a uma clara concepção de ensino; educar pressupunha um compromisso com a formação integral da criança que ia muito além da simples transmissão de conhecimentos úteis dados pela instrução e implicava essencialmente a formação do caráter mediante a aprendizagem da disciplina social – obediência, asseio, ordem, pontualidade, amor ao trabalho, honestidade, respeito às autoridades, virtudes morais e valores cívicos – patrióticos necessários à formação do espírito de nacionalidade.

A educação era bastante rígida quanto à assiduidade, higiene, ordem e obediência. Um dado curioso foi o início da utilização da sineta, instrumento regulatório utilizado para marcar o início, intervalo e término das aulas.

3.3 Estrutura física dos Grupos Escolares.

Durante o segundo governo de Nogueira Accioly (1904-1908), na época ocupando cargo de Presidente do Estado do Ceará na época, foi inaugurado o primeiro grupo escolar cearense, no ano de 1907. Funcionava em um prédio acanhado, sem ar e sem luz, no centro da cidade, cuja estrutura era inadequada para o funcionamento das aulas. Com a deposição de Nogueira Accioly e a declaração de Franco Rabelo no poder, mudou-se para uma instalação apropriada – mais clara, higiênica e espaçosa, ocupando os melhores sobrados e palacetes da cidade.

Até o final da década de 1910, foram criados quatro grupos escolares na capital. O Grupo Escolar Benjamim Barroso, criado em 1916, em Maranguape, contemplou a cidade, segundo município cearense a receber uma escola desse porte. Todos eles, com exceção do primeiro, funcionavam em casas alugadas.

O Regulamento da Instrução Primária do Ceará, publicado em 13 de março de 1905, mais precisamente o artigo 30 (p.96), determinou o seguinte:

Grupos escolares:

Art. 30 – As escolas publicas desta capital serão reunidas em grupos de cinco escolas, funcionando cada grupo em um só prédio para esse fim construído ou adaptado.

Art. 31 – Cada uma das escolas passará a ser considerada como uma classe do grupo escolar, ficando cada classe a cargo de uma professora e devendo todas funcionar em salas separadas.

Art. 32 – Nos grupos escolares desta capital o ensino será dividido em cinco classes ascendentes com as determinações de I, II, III,IV e V.

Art. 33 – O ensino será dado em completa harmonia com o plano traçado neste Regulamento [art.16] e instruções e programas que foram expedidos.

Art. 34 – Cada grupo escolar poderá comportar até o número máximo de trezentos alunos.

Observamos, então, neste documento, a ligação entre as decisões de mudanças ou melhoria na educação e a lei que a regulamenta, pois o que se encontra estabelecido na lei é aplicado em conformidade com as necessidades evidenciadas na educação.

4 GRUPO ESCOLAR BENJAMIM BARROSO: a modernidade do ensino.

4.1 Aspectos históricos do Grupo Escolar Benjamim Barroso

Atualmente, no prédio no qual funcionou o Grupo Escolar Benjamim Barroso está a Escola Municipal de Ensino Fundamental Capistrano de Abreu. O grupo escolar Benjamim Barroso originou-se como a primeira escola pública de Maranguape, na fase republicana. No entanto, a escola de primeiras letras foi implantada em 1873, segundo cópias de documentos guardados em seus arquivos, nos quais está registrado o 1º Livro Inventário, tendo como primeira professora a Sra. Florinda Angélica Sodré e Silva.

Em 21 de julho de 1916, foi inaugurado o primeiro grupo escolar de Maranguape, recebendo o nome de Grupo Escolar Benjamim Barroso, em homenagem ao Coronel Benjamim Barroso, Presidente do Estado do Ceará, na época. Foi instalado no Sobrado das Irmãs Correia, na praça da igreja matriz, e teve como sua primeira diretora a Senhora Cândida Vieira Cavalcante, empossada no cargo pelo padre Francisco Rosa, Inspetor Escolar do Município. A referida diretora permaneceu no cargo durante oito anos.

O Grupo Escolar Benjamim Barroso funcionou, inicialmente, com cinco salas de aula e com as seguintes mestras: Alice Chaves, Maria Leonese de Sousa Brasil, Isabel Amélia Pereira, Lídia de Pontes Vieira e Emília Vieira.

A partir de maio de 1933, o Grupo Benjamim Barroso tomou o nome de Grupo Escolar Capistrano de Abreu, em homenagem ao historiador maranguapense². Nesta data foi realizada homenagem solene no salão nobre do Grupo Escolar, no qual foi colocado o retrato desse ilustre filho da cidade.

Em 23 de novembro de 1947, o referido estabelecimento foi transferido para o local no qual atualmente está instalada uma escola de Ensino Fundamental, à Rua Coronel Antônio Botelho, nº 366.

De acordo com a Lei 5692/71, ratificada pelo Governo do Estado do Ceará, através do Decreto nº 11493, de 17 de outubro de 1975, o Grupo Capistrano de Abreu passou a chamar-se Escola de 1º Grau Capistrano de Abreu. A partir de 13 de setembro de 2005, sob a Lei

² João Honório Capistrano de Abreu. Importante historiador da cidade. Nasceu em 23 de outubro de 1853. Permaneceu em Maranguape até 1875, quando tinha 22 anos. Morreu no dia 13 de agosto de 1927, aos 74 anos, no Rio de Janeiro.

1884/2005 passou a chamar-se Escola Municipal de Ensino Fundamental Capistrano de Abreu.

Em 03 de janeiro de 1996, conforme a Lei 1278/96, a E.M.E.F. Capistrano de Abreu passou a fazer parte do Patrimônio Histórico e Cultural de Maranguape. Como símbolos representativos, a escola possui bandeira, escudo e hino. O hino do colégio foi de autoria do saudoso padre Raimundo Pinto.

Atualmente, a escola atende a primeira etapa da Educação Básica, na modalidade Educação Infantil, com 140 alunos. No período da tarde, funciona no prédio da Escola Sebastião de Abreu. O Ensino Fundamental, do 1º ao 5º anos, possui 458 alunos matriculados, somando um total de 598 alunos. A escola atende à clientela não só do entorno da instituição e bairros adjacentes, mas também pessoas de outras localidades e até de distritos vizinhos. Essa constante procura por vagas na Escola Capistrano de Abreu não é recente, testemunhando o compromisso, a seriedade e a credibilidade dessa renomada casa.

Ao longo de seus 95 anos educando gerações comprova-se que a maioria dos maranguapenses já passou por esta instituição de educação sob os cuidados de zelosas, abnegadas e competentes profissionais do magistério.

4.2 As primeiras professoras

Desde a sua fundação, passaram por esta escola as seguintes diretoras, filhas de Maranguape, todas normalistas formadas pela Escola Normal Cearense:

1. Maria de Lourdes Pinto de Oliveira;
2. Maria Leonesse de Sousa Brasil;
3. Hermelinda Sousa Carvalho Sisnando;
4. Emília de Pontes Vieira;
5. Áurea de Pontes Vieira;
6. Salaberga Torquato Gomes de Matos;
7. Maria Zélia Filgueiras Bastos;
8. Maria Alice Siqueira de Paula;
9. Maria Zenir da Silva;
10. Liduina Álvaro Sales Cordeiro;
11. Edivanie Maria dos Santos de Abreu;
12. Rosa Maria de Sousa;

13. Vanda Maria Mendes e Silva;
14. Antonia Joselita de Oliveira Conde;
15. Elizabete Vasconcelos de Abreu Nogueira (atual).

Como é possível observar, o quadro de professores do Grupo Escolar é ocupado apenas por mulheres, estando de acordo com o Regulamento da Instrução Primária do Estado do Ceará: “Art. 6º – As escolas mistas e do sexo feminino serão exclusivamente regidas por professoras”. Assim, em conformidade com a lei citada acima, fizeram parte do Grupo Escolar Benjamin Barroso as seguintes normalistas diplomadas pela Escola Normal do Ceará:

Tabela 1 - Corpo docente do Grupo Escolar Benjamin Barroso, em 1916.

PROFESSORAS	CLASSES
Emília de Pontes Vieira	1º Classe
Lydia de Pontes Fernandes Vieira	2º Classe
Isabel Amélia Pereira	3º Classe
Maria Leonese Souza Brazil	4º Classe
Alice Vieira Chaves	5º Classe

Fonte: Relatório do Grupo Escolar Benjamin Barroso - Elaboração da autora

Como se vê, houve um remanejamento do corpo docente do Grupo Escolar Benjamin Barroso, em 1917.

Tabela 2 - Corpo docente do Grupo escolar Benjamin Barroso, em 1917.

PROFESSORAS	CLASSES
Lydia de Pontes Fernandes Vieira	1º Classe
Emília de Pontes Vieira	2º Classe
Isabel Amélia Pereira	3º Classe
Maria Leonese Souza Brazil	4º Classe
Alice Vieira Chaves	5º Classe

Fonte: Relatório do Grupo Escolar Benjamin Barroso - Elaboração da autora

Também fazia parte do corpo docente dessa instituição a normalista Maria Idezith Correia Paiva, que atuava como substituta do quadro dessas professoras, em caso de solicitação de licença. Todas as professoras eram moradoras de Maranguape, normalistas e foram nomeadas pela então diretora, Senhora Cândida Vieira Cavalcante. Nesse mesmo período, também foram nomeadas como porteira, inspetora e servente as respectivas funcionárias: Anna Soares da Costa, Joanna Alves Brazil e Argentina Maria do Nascimento.

O corpo docente do Grupo escolar Benjamin Barroso, em 1918, possuía a seguinte configuração:

Tabela 3 - Corpo docente do Grupo Escolar Benjamin Barroso, em 1918.

PROFESSORAS	CLASSES
Isabel Amélia Pereira	1º Classe
Lydia de Pontes Fernandes Vieira	2º Classe
Emília de Pontes Vieira	3º Classe
Maria Leonese Souza Brazil	4º Classe
Alice Vieira Chaves	5º Classe

Fonte: Relatório do Grupo Escolar Benjamin Barroso - Elaboração da autora

Corpo docente do Grupo Escolar Benjamin Barroso, em 1919 trata a seguinte configuração:

Tabela 4 - Corpo docente do Grupo Escolar Benjamin Barroso, em 1919.

PROFESSORAS	CLASSES
Isabel Amélia Pereira	1º Classe
Lydia de Pontes Fernandes Vieira	2º Classe
Emília de Pontes Vieira	3º Classe
Maria Leonese Souza Brazil	4º Classe
Alice Vieira Chaves	5º Classe

Fonte: Relatório do Grupo Escolar Benjamin Barroso - Elaboração da autora

Continuavam desempenhando regularmente os seus cargos como porteira Anna Soares da Costa, como inspetora Joanna Alves Brazil e como servente Argentina Maria do Nascimento, com assiduidade, zelo, ordem e asseio.

4.3 Os alunos: matrícula, frequência e permanência

Desde a fundação do Grupo Escolar Benjamim Barroso, no mês de julho do ano de 1916, até o ano de 1919 foram contabilizadas cerca de 670 matrículas. Ressalta-se havia cinco classes, nas quais ficava dividida a quantidade de alunos supracitada.

A seguir, apresentam-se as estatísticas anuais do período de 1916 a 1919, contendo o número de alunos atendidos pelo Grupo Escolar Benjamim Barroso, o número de matrículas, além da estatística de frequência e dias letivos.

Tabela 5 - Movimento anual de matrículas (1916 a 1919)

ANO	MESES	DIAS LETIVOS	MATRICULAS	FREQUENCIA
1916	JULHO	8	188	150
	AGOSTO	22	207	161
	SETEMBRO	20	207	155
	OUTUBRO	18	207	145

1917	JANEIRO	21	81	57
	FEVEREIRO	18	87	68
	MARÇO	21	90	69
	ABRIL	18	105	72
	MAIO	21	109	75
	JUNHO	21	112	70
	JULHO	20	116	79
	AGOSTO	22	113	84
	SETEMBRO	16	122	75
	OUTUBRO	22	122	80

1918	JANEIRO	21	108	84
	FEVEREIRO	18	127	85
	MARÇO	16	129	106
	ABRIL	22	138	105
	MAIO	18	148	111
	JUNHO	14	146	111
	JULHO	20	153	103
	AGOSTO	22	147	116
	SETEMBRO	20	146	110
	OUTUBRO	13	139	102

1919	JANEIRO	15	125	78
	FEVEREIRO	19	138	113
	MARÇO	18	157	132
	ABRIL	16	157	135
	MAIO	19	166	125
	JUNHO	10	169	133
	JULHO	18	174	130
	AGOSTO	21	175	134
	SETEMBRO	21	173	138
	OUTUBRO	19	169	135

Fonte: Relatório do Grupo Escolar Benjamim Barroso - Elaboração da autora

Na tabela acima, identificamos que no ano de 1916, ano da inauguração do Grupo Escolar Benjamin Barroso, houve o mais elevado número de matrículas do período analisado. Destacando-se os meses de agosto a outubro que tiveram a mesma demanda no número de matrículas, contabilizando 207 a cada mês.

Através dos dados apresentados é possível identificar que, durante os anos de 1917, 1918 e 1919, o Grupo Escolar Benjamin Barroso permaneceu em crescimento progressivo de matrículas.

A seguir, será apresentada a distribuição de matrículas efetuadas, no período de 1916 a 1919 – por sala.

Tabela 6 – Movimento anual de matrículas por classe (1916)

ANO	CLASSE	Nº DE MATRICULAS
1916	1º Classe	90
	2º Classe	55
	3º Classe	32
	4º Classe	22
	5º Classe	8

1917	1º Classe	47
	2º Classe	26
	3º Classe	21
	4º Classe	14

	5º Classe	14
--	------------------	----

1918	1º Classe	52
	2º Classe	29
	3º Classe	20
	4º Classe	21
	5º Classe	17

1919	1º Classe	66
	2º Classe	29
	3º Classe	26
	4º Classe	16
	5º Classe	7

Fonte: Relatório do Grupo Escolar Benjamim Barroso - Elaboração da autora

De acordo com a tabela, podem ser percebidas algumas particularidades de cada ano. No ano de 1916, quando da inauguração do Grupo Escolar, houve um elevado número de matrículas na 1º classe, sendo necessário que a então inspetora Joana Alves Brazil auxiliasse na regência de sala, juntamente com a professora de sala: Emília de Pontes Vieira. Ainda de acordo com os dados, percebe-se que – do mês de julho a agosto de 1916 – houve um aumento de 19 matrículas, permanecendo até o fim do ano letivo o número de matrículas contabilizado em 207.

Nos anos de 1917 e 1918, as matrículas ocorreram de forma quase similar entre os dois períodos, não havendo nenhuma relevância.

Posteriormente, como no ano de 1916, houve um número bem elevado de matrículas na 1º classe, no ano de 1919. A diretora, portanto, resolveu abrir uma classe por ela administrada e dividir com a professora responsável, auxiliando-a nos trabalhos.

4.4 Descrição fiscal do Grupo Escolar Benjamin Barroso

Durante os meses de julho a dezembro de 1916, o Grupo Escolar Benjamim Barroso apresentou uma despesa no valor de 75\$800 réis e no ano de 1917 importou o valor de 200\$000, verba para gastos com despesas destinadas ao expediente, como giz, cadernos,

resmas de papel, caixas de penas, tintas, entre outros, além de materiais de limpeza, como desinfetantes, vassouras, sabonetes, etc.

Posteriormente, nos anos de 1918 e 1919, o grupo escolar recebeu da Coletoria do Estado, órgão responsável pelo pagamento da quantia necessária para as despesas destinadas ao expediente, conforme os citados acima, o valor de 20\$000 réis ao mês, contabilizando o valor de 200\$000 réis ao ano. O pagamento dos funcionários não entrava nesse orçamento.

4.5 Análise pedagógica do Grupo Escolar Benjamim Barroso

O método de ensino utilizado na educação primária brasileira no período republicano foi o intuitivo, conhecido também como o método da lição das coisas, defendido por muitos pensadores, entre eles, o próprio ministro Rui Barbosa. Esse método promovia o aprofundamento do ensino teórico e prático e a dinamização das aulas para as crianças primárias.

Em conformidade com o capítulo II da Lei do Regimento dos Grupos Escolares, referindo-se ao programa de estudos, as disciplinas eram ministradas da seguinte maneira:

Art.6.º – O programma de estudos do grupo escolar comprehende:

- I. Lingua portugueza (leitura, recitação, exercicios grammaticaes lexicologicos, exercicios de composição).
- II. Calligraphia e desenho linear.
- III. Arithmetica e noções de geometria pratica.
- IV. Noções de geographia acompanhadas de elementos de historia do Brasil; direitos e deveres do cidadão.
- V. Ensino objectivo ou primeiras noções seientificas.
- VI. Costura simples e mais trabalhos de agulha (para o sexo feminino).
- VII. Canto.

Este método baseava-se na educação pela experiência. Diante disso, no Grupo Escolar Benjamim Barroso era difícil o exercício da prática que se encontrava previsto no regimento interno dos grupos, pois havia falta dos objetos necessários ao desenvolvimento das atividades, tais como trabalhos com agulha e desenhos.

Essa dificuldade era sempre mencionada nos relatórios da diretora sobre o ensino do Grupo, chegando a ser necessário, em um dado momento, que a direção lançasse a ideia de transformar o Grupo Escolar Benjamim Barroso em uma escola feminina, pois isso facilitaria

o ensino de certas matérias cujo teor era quase exclusivamente para práticas domésticas. Para a diretora, isso aumentaria o aproveitamento dos alunos, ajudaria no progresso da instrução em Maranguape e as professoras poderiam dedicar mais tempo às atividades pedagógicas.

Um fato importante, ocorrido nos primeiros meses de funcionamento do Grupo foi o interesse e a preocupação da então diretora em formar uma biblioteca, já que até então esse recurso ainda não existia na cidade.

Devido ao incentivo fiscal recebido pela instituição ser suficiente apenas para as despesas de custeio da escola, era impossível a construção de uma biblioteca, pois – segundo o documento escolar estudado – o Grupo não dispunha de estantes, nas quais seriam organizados os livros a serem adquiridos. Para isso, a então diretora, em contato com amigos, conseguiu a doação de alguns livros, voltando a solicitar a providência de uma estante para acomodar as doações bibliográficas.

A disciplina escolar dos alunos era aplicada com rigor, tendo chamado atenção um caso de expulsão, no mês de setembro de 1919, cujo teor da nota enviada ao Secretario do Interior relatava o seguinte:

Ex.mo Ilm. Secretario do Interior

Tendo o alumno da 2ª classe d'este Grupo, José Marinho de Araujo, se mostrado sempre insubordinado e incorrigível, apesar dos meus esforços para torná-lo dócil e obediente, resolvi a sua expulsão definitiva d'este Grupo onde é elemento de discórdia entre collegas aos quaes não deixa de prejudicar ser precioso exemplo. Esta expulsão, porem, sei que só pode ser feita por V.Excia e eu venho solicita-la julgando imprescindível a bem da disciplina do mesmo Grupo. Esperando ser attendida em tão justa solicitação, aproveito a oportunidade para apresentar-vos meus protestos de respeitosa consideração.

A Directora Candida Vieira Cavalcante

Contudo, sendo este um caso à parte, ressalta-se que a diretora, em seus relatórios, sempre relata o bom comportamento de seus alunos.

Quanto à avaliação escolar, é interessante perceber um aspecto sobre a prática pedagógica escolar do Grupo quanto aos resultados dos exames aplicados aos alunos. De acordo com o rendimento, eles recebiam as seguintes classificações: Aprovados com distinção, aprovados plenamente ou aprovados simplesmente. Ao fim de cada ano, os alunos recebiam o certificado de estudos primários e era concedida uma premiação aos que

obtivessem distinção maior durante o ano letivo. A seguir, apresenta-se o ofício de solicitação de certificados dos estudos primários expedido pela então diretora, como também o texto do certificado:

Grupo escolar “Benjamim Barroso” da cidade de Maranguape, 15 de Outubro de 1917.

N.38

Exmo. Snr Secretario do Interior

Tendo este Grupo de distribuir Certificado de estudos primários aos alumnos que vão completar o curso primário do 1º e do 2º grãos, rogo a VEx.cia se digne providenciar, afim de que sejam fornecidos ao referido Grupo 25 exemplares do mencionado Certificado, cujo modelo incluo envio a VEx.cia

Saudações

A diretora

Candida Vieira Cavalcante

Instrucção Publica do Estado do Ceará

Certificado de Estudos Primários

A commissão examinadora infra assignada de accordo com o disposto no art.129, do Regimento dos Grupos Escolares do Estado, confere à alumn_ do Grupo Escolar Benjamim Barroso _____ o presente Certificado de Estudos Primários do ____ grau, visto ter sido approvad___ no exame que prestou em _____ de _____ de 191__.

_____ de _____ de 191__.

A commissão.

A premiação desses alunos dava-se por meio de uma pequena festa realizada pela diretoria da escola, ao fim de cada ano, aprovada e informada, antecipadamente, pelo Secretario do Interior.

A partir da análise dos relatórios do Grupo Escolar Benjamin Barroso, percebemos a organização com que o Grupo era administrado pela então diretora, seguindo sempre as instruções contidas no Regulamento dos Grupos Escolares e levando a educação na cidade de Maranguape a ganhar importância.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesta pesquisa, fizemos um mergulho no contexto histórico da educação cearense no início do século XX, o que nos permitiu apreender alguns de seus detalhes. A partir da análise das fontes encontradas, o período caracteriza-se pelo forte debate sobre a necessidade de melhor organizar o setor educativo do estado, propiciando o surgimento dos Grupos Escolares.

A partir dessa constatação, selecionamos como objeto de estudo desta pesquisa o Grupo Escolar Benjamim Barroso, localizado na cidade de Maranguape, o qual teve um período longo de atividades no cenário da educação maranguapense. Analisamos como se deu sua implantação na cidade, como era administrado pela equipe gestora, que mudanças foram realizadas na educação com a implantação de um novo método de ensino, o método intuitivo, e como contribuiu para formação do aluno.

Embora tenha sido um modelo de ensino oportuno ao desenvolvimento educacional da cidade, a criação do Grupo Escolar Benjamim Barroso não conseguiu atender a toda a população em idade escolar da região maranguapense, atribuindo-se a causa ao fato de a educação, nessa época, ser voltada para as classes sociais mais favorecidas.

Através dos dados obtidos, torna-se possível relacionar a prática efetuada no Grupo e a lei estabelecida pelo governo para a educação. Nos relatórios anuais de prestação de contas analisados, identificamos que o Grupo Escolar funcionava em total conformidade com as leis estabelecidas pelo Estado, através do Regulamento da Instrução Primária do Estado do Ceará e Regimento dos Grupos Escolares, sendo todas as movimentações efetuadas pela diretora informadas ao Secretario de Interior.

Investigar esse assunto, atualmente, é relevante porque resgata um lado da história de Maranguape pouco conhecido e discutido, como também possibilita a compreensão das raízes estruturais que compõem esse sistema educacional. Assim, concluímos esta pesquisa com um novo olhar sobre a história da educação cearense, enfocando a implantação dos grupos escolares, em especial o de Maranguape. Em última instância, percebemos a importância que há em refletir sobre educação e em saber como foram elaboradas as ideias sobre ela no passado e, com isso, buscar através de uma investigação suas principais contribuições para com o presente.

REFERÊNCIAS

- ANDRADE, Ari de. **Relatório técnico do projeto Rastros e itinerários da educação cearense na Primeira República: a institucionalização dos grupos escolares em Fortaleza (1907-1912).** . Relatório de Pesquisa. PIBIC. Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2011.
- ARANHA, Maria Lúcia de Arruda. **Filosofia da educação.** 3. ed. São Paulo: Moderna, 2006.
- CÂMARA, José Aurélio Saraiva. **Capistrano de Abreu.** Fortaleza: Programa Editorial da Casa de José de Alencar, UFC, 1999.
- PREFEITURA MUNICIPAL DE MARANGUAPE. **Maranguape.** Disponível em: <<http://www.maranguape.ce.gov.br>> Acesso em: 05 set. 2011.
- DURKHEIM, Émile. **Sociologia da Educação.** Lisboa: Edições 70, 2001.
- LEITÃO, Juarez. **Maranguape, de personagens e fatos históricos.** Fortaleza: Ed. Assaré, 2009.
- MAVIGNIER, Pedro. **Meu Vale.** Realce: Fortaleza, 2005.
- OLIVEIRA, Maria Marly de. **Como fazer projetos, relatórios, monografias, dissertações e teses.** Recife: Bagaço, 2003.
- ROMANELLI, Otaíza de Oliveira. **História da Educação no Brasil (1930/1973).** 17. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 1995.
- SHULLER, Alessandra Frota M de; GONDRA, José Gonçalves. Olhar o outro, ver a si: um professor primário brasileiro no “Velho Mundo” (1890- 1892). **Revista Brasileira de História da Educação,** Campinas, n. 22, jan-abr 2010.
- SOUZA, Rosa Fátima de. Lições da escola primária. In: SAVIANI, Dermeval *et. al.* **O legado educacional do século XX no Brasil.** Campinas: Autores Associados, 2004.
- SOUSA PINTO. **Instrução Pública Primária no Ceará: Regime Colonial – Regime Monárquico – Regime Republicano.** Fortaleza: Revista do Instituto do Ceará, 1939.
- VASCONCELOS, Maria Celi Chaves. **A Casa e seus Mestres: a educação no Brasil de oitocentos.** São Paulo: Gryphus, 2005.
- VIEIRA, Sofia Lerche; FARIAS, Isabel Maria Sabino de (Org.). **Documentos de política educacional no Ceará: Império e República.** Brasília: Inep, 2006.
- http://www.esaex.ensino.eb.br/images/stories/esfcex/andrade/Edital_PEDAGOGIA_2011_CORRIGIDO.pdf

ANEXOS

ANEXO A – OFICIO DE ABERTURA DO GRUPO ESCOLAR BENJAMIM
BARROSO

1
C. V. G. 1916

Grupo Escolar da cidade de Maracá
por 21 de Julho de 1916.

N.º 1

Carro Sr. D. José Saboya d'Albuquerque
M. D. Secretario dos Negocios do Interior.

Tenho a subida honra de comunicar
a V. Ex.ª que, nesta data foi installado o Grupo
Escolar d'esta cidade e que assumindo eu a Direc-
toria dei posse as professoras: D.ª Emília de Pontes
Vieira da 1.ª Classe; Lydia de Pontes Fernandes
Vieira da 2.ª; Izabel Amélia Pereira da 3.ª;
Maria Leonese de Souza Brazil da 4.ª; e Alice
Vieira Chaves da 5.ª, as quaes assumiram o exer-
cicio de suas funcções.

Deus guarde a saude de V. Ex.ª, como cordel-
mente desejo.

A Directora,
Candida Vieira Cavalcante.

ANEXO B- OFICIO DE EXPULSÃO DO ALUNO

Directoria do Grupo Escolar "Benjamin Barros"
da cidade de Maranguape, 30 de Setembro de 1919.

N.º 46

Ex.º Sr. Secretario do Interior

Tendo o alumno da 2.ª Classe d'este Grupo, José Marinho de Araujo, se mostrado sempre insubordinado e incorrigivel, apesar dos meus esforços para torna-lo docil e obediente, resolvi a sua expulsão definitiva d'este Grupo onde é elemento de discordia entre os collegas aos quaes não deixo de prejudicar seu precioso exemplo. Esta expulsão, porém, sei que só pode ser feita por V. Ex.ª e eu venho solicita-la julgando imprescindivel a boa da disciplina do mesmo Grupo.

Esperando ser attendida com tão justa solicitação, aproveito a oportunidade para representar-vos meus protestos de respeitosa consideração.

At Directoria
Candida Vieira Cavalcante

ANEXO C- OFICIO DE SOLICITAÇÃO DE CERTIFICADOS

606

reitas
esto

Grupo Escolar "Benjamin Brasso" da cidade
de Maranguape, 15 de Outubro de 1917

tal

N.º 38

500

Esc. mo. Sr. Secretario do Interior

7

7

Tendo este Grupo de distribuir Certificados de
estudos primarios aos alumnos que vão completar o
curso primario do 1.º e do 2.º graus, rogo a V.ª Ex.ª
se digne providenciar, afim de que sejam fornecidos ao
referido Grupo 25 exemplares do mencionada Certificado,
cujo modelo incluso envio a V.ª Ex.ª

Saudacoes

A Directora,
Candida Vieira Cavalcante

2

ANEXO D- TEXTO DO CERTIFICADO SOLICITADO PELA DIRETORA

Instrução Pública do Estado do Ceará

Certificado de Estudos Primarios

A comissão examinadora infra assignada de accordo com o disposto no art. 129 do Regimento dos Grupos Escolares do Estado, confere á alumn do Grupo Escolar "Benjamin Barroso"

o presente Certificado de Estudos Primarios do grau, visto ter sido approvad

no exame que prestou em de 191...

de 191...

A comissão

ANEXO E- RELATÓRIO DE PRESTAÇÃO DE CONTAS APRESENTADO AO
SECRETARIO DO INTERIOR REFERENTE AO PERIODO DE 21 DE JULHO
DE 1916 A 31 DE DEZEMBRO DE 1917

Relatório do Grupo Escolar (unido) "Benjamin
Barroso" da cidade de Maranhão, 23 de Abril
de 1918, apresentado pela Directora, Candida Vieira
Cavalcanti.

Ex.º Sr. Secretario dos Negocios do Interior

Cedecendo ao art. 15 n.º 26, do Regimento
dos Grupos Escolares, ^{a honra} tento de apresentar-vos o relatório
d'este Grupo, relativo ao periodo de 21 de Julho de 1916
a 31 de Dezembro de 1917.

Directoria

Tendo sido inaugurado este Grupo no dia 21
de Julho de 1916, inauguração feita com certa solen-
nidade e brilhantismo, prestando n'essa occasião o de-
vido compromisso o corpo docente e administrativo
composto das professoras que abaixo digo, de Juppido
Joanna Alves Brasil e Pereira e Maria Joana
da Costa, assumi por minha vez o cargo de Directora
para o qual fui nomeada por acto da Presidencia
de 30 de Junho de 1916, cargo que tenho exercido
ininterruptamente até esta data, procurando sempre
com o maximo esforço, cumprir tão espinhosa e
cumpro um dever de justiça, salientando o prole
auxilio prestado pelas minhas intelligentes auxilia-
res que muito bem se houveram no desempenho de
deveres.

1.ª Classe.	D. Emma de Pontes Vieira
2.ª "	D. Lydia de Pontes F. Vieira
3.ª "	D. Isabel e Amelia Pereira
4.ª "	D. Maria Leonese S. Brazil
5.ª "	D. Alice Vieira Chaves

Corpo docente de 1917

1.ª Classe	D. Lydia de P. Fernandes Vieira
2.ª "	D. Emilia de Pontes Vieira
3.ª "	D. Isabel e Amelia Pereira
4.ª "	D. Maria Leonese S. Brazil
5.ª "	D. Alice Vieira Chaves

Desde a inauguração do Grupo até esta data, os lugares de Professora, Inspectora e Servente têm sido desempenhados, com a máxima escatidão por D. Anna Soares da Costa, Joanna Alves Brazil e Argentina e Maria do Nascimento.

Matricula e frequencia

Foram matriculados no anno de 1915, 207 alumnos sendo: 90 na 1.ª Classe, 55 na 2.ª, 32 na 3.ª, 22 na 4.ª e 8 na 5.ª auxiliando na 1.ª Classe a Inspectora Joanna Alves Brazil, que prestou-se de boa vontade a desempenhar o papel de auxiliar tão necessaria Classe devido ao numero elevado da matricula nesse anno.

Durante o anno de 1917 foram matriculados 122 alumnos sendo: 47 na 1.ª Classe, 26 na 2.ª, 21 na 3.ª, 14 na 4.ª e 14 na 5.ª.

Corpo docente de 1916

Atribuo a pouca frequencia d'este anno a escizidade de horas pela reforma que passou do idio para mixto.

E' preciso notar que o numero de alumnos tem sido sempre superior ao de alumnos.

O movimento das diversas classes foi o seguinte

1916			
Mezes	Dias lectivos	Matricula	Frequencia
Julho	8	188	166
Agosto	22	207	192
Setembro	20	207	156
Outubro	18	207	146

1917			
Mezes	Dias lectivos	Matricula	Frequencia
Janeiro	21	81	57
Fevereiro	18	87	69
Março	21	90	69
Abril	18	105	72
Maior	21	109	75
Junho	21	112	70
Julho	20	116	79
Agosto	22	113	84
Setembro	16	122	75
Outubro	22	122	80

Ensino

Ensino foi rigorosamente cumprido de accordo com o Regimento Interno, notando esforços das Linhas auxiliares em tornar o ensino pratico, em obra luctante com difficuldade devido a falta dos objectos que se tomam

indispensáveis para o ensino racional e aproveitável

Licenças

Achando-se doente pediu e obteve 15 dias de licença verbal D. Alice Vieira Chaves professora da 5.^a Classe a qual entrou em gozo a 23 de Janeiro de 1917, substituindo a D. Maria Idelyth Correia Paiva, conforme a vossa approvação, cumprindo rigorosamente seus deveres.

At 7 de Fevereiro de 1917 D. Alice V. Chaves reassumiu o exercício de suas funções.

Pediu e obteve também 15 dias de licença a 2 de Maio de 1917 a professora da 4.^a Classe D. Maria Gomes S. Brazil, substituindo-a a mesma normalista, reassumindo o exercício a 17 do mesmo mez.

Pediu novamente D. Alice Vieira Chaves 15 dias de licença verbal a 23 de Maio de 1917, prorrogando-a por mais dois mezes, por se achar gravemente enferma, substituindo D. Maria Idelyth, reassumindo o exercício a 17 de Agosto do mesmo anno.

Também obteve 8 dias de licença verbal a Inspectora D. Joana Alves Brazil substituindo a Maria Costa cuja approvação foi feita por V. Ex. reassumindo o exercício a 6 de Setembro de 1917.

Exames

At 25 de Outubro de 1916 começaram os exames sendo: 1.^a Classe 19 alumnos sendo approvados com distincção 4; approvados plenamente 5 e simplesmente 9. Da 2.^a Classe 18; sendo distincção

10; plenamente 8; da 3.^a Classe 14, sendo
 aprovados com distincção 4 e plenamente 10.
 Da 4.^a Classe 14 sendo app. com distincção 4
 e 10 plenamente. Não houve exame na 5.^a Classe
 Et 3 de Novembro de 1917 começaram os
 exames d'este Grupo sendo o resultado o seguinte
 1.^a Classe 8 sendo app. com distincção 3 e 4
 plenamente 5. Da 2.^a Classe 8 sendo app. com
 distincção 3 e plenamente 5. Da 3.^a Classe 15
 sendo app. com distincção 5 e plenamente 9. Da 4.^a
 Classe 11 sendo app. com distincção 2, plena
 e simplesmente 2. Da 5.^a Classe 8 sendo
 app. com distincção 5 e plenamente 3.

Certificados

Receberam em 1917 certificados de estudos
 primarios do 1.^o grau 15 alumnos: Cammora Faria
 Miranda, Claice Uchôa, Ecila Lopes, Ju
 Bayna, Maria Saboya, Odette Costa, Odette
 Lima, Raymunda Mendonça, Flávio Lima
 Cavalcante, José Domingues de Almeida, José
 José Lopes, João Sales, Luiz Girão e Luiz Pardo
 Receberam certificados do 2.^o grau 8 applicados alim
 narios: Estira Costa, Alice Cabral, Hermínia
 Luzana Prata, Maria Nogueira, Estelina Lici
 José Nogueira, Maria e Waldery Cabral.

Disciplina

Os alumnos que frequentaram este Grupo dur
 rante os meses de 1916 e o anno de 1917 mostraram-se

alunas que se distinguiram pela assiduidade notando-se entre estas Benedicta d'Enajo, que nunca deu uma falta durante o curso. Entretanto muito mais aproveitamento se notaria, se, não sendo o Grupo misto, as professoras podessem dedicar mais tempo a certas materias cujo ensino deve ser quasi exclusivamente pratico.

O nosso governo que tanto interesse tem tomado por tudo quanto concerne a' instrucção primaria da nossa terra, poderia talvez, com pequeno esforço, tornar esse Grupo feminino, o que seria de grande vantagem para o progresso da instrucção em Maranguape.

Despesa

Durante o anno de 1910, digo os mezes, a despesa importou em 75\$800; durante o anno de 1917 importou em 200\$000 verba destinada para o expediente.

Grande desejo sinto de formar uma bibliotheca n'este Grupo, o que me parece de grande utilidade, direi mesmo de muita necessidade para facilidade e desenvolvimento do ensino. E' por em demasiado esigua a quantia destinada ao expediente, não me permittindo despesas n'este sentido, visto não termos sequer estante para acondicionar os volumes que, por presentes ou com sacrificios adquirimos. Peco para tão util instituição a attenção do Secretario do Interior, espirito culto que bem comprehende a importancia da instrucção da juventude.

Sensivel tambem é a falta de um estandarte n'este

sempre disciplinados, alcançando boas notas em conducta e que é tanto mais admiravel que, sendo o Grupo misto, nunca tivemos nada a censurar-lhes. Houve mesma... (continua no inicio da folha)

Grupo, para a confecção do qual, tornava-se preciso o auxílio pecuniário do governo, que isso esperava, mas não recusará seu precioso auxílio.

Festas

No dia 1º de Novembro de 1916 teve lugar, com muita solenidade a distribuição de prémios aos alunos que mais se distinguiram durante o anno lectivo. O programma d'esta festa, anteriormente approvada pelo Secretario do Interior, foi executado satisfatoriamente agradando á numerosa assistencia.

Em Julho de 1917, á 21, commemorou-se o 1.º anniversario da fundação d'este Grupo, enthronisando-se n'essa occasião a effigie do S. Coração de Jesus, acto que mereceu a approvação do Ex.º Secretario do Interior.

Esta dupla festa, agradou sobremaneira á brilhante sociedade que dignou-se assistir-la pela ordem notada entre as creanças e perfeita execução do programma.

N'esse mesmo anno, á 10 de Novembro realisou-se a entrega de prémios aos melhores que maiores apuramentos mostraram no curso; havendo tambem exposiçao de trabalhos de agulhas e desenhos que, por simples e modestos, não deixaram de ser devidamente apreciados, pelas pessoas que tiveram a gentileza de visita-la.

Esperamos este anno mais progresso n'esse ensino que só agora vai tomando maior desenvolvimento e gosto.

Relaçao dos móveis e utensilios do Grupo Escolar "Benjamin Barreto" da cidade de Maranguape ... →

recebidos, a 21 de Julho de 1916

79 bancos - carteiras
 1 carteira
 6 bancos de assento
 6 quadros pretos
 5 estrados
 6 mesas
 4 tympanos
 3 relógios
 1 cadeira
 2 escurraninhas
 2 cadeiras
 2 jarras
 3 lavatórios
 4 toalhas
 2 luvas

4 vasos
 5 cestas
 7 carecos
 1 esparador
 1 balde
 1 regador
 5 portas - tinteiros
 5 livros do ponto diário
 1 livro da matrícula geral
 1 livro para visitas
 1 " " termos e actas
 1 " " inventario
 1 " " registos
 1 " do ponto do pessoal
 25 livros archivados.

Recebidos a 21 de Março de 1917

1 sineta
 4 cadeiras
 7 cartas geográficas, Brazil, Ceará, Pernambuco,
 America do Sul, America do Norte, Europa
 A. B. C.

Grupo Escolas "Benjamin Constant" 23 de Abril de 1918

Conforme, A. Porteira. - Anna Gomes da Costa
 Directora - Candida Vieira Cavalcante

Conclusão

Finalizando tão simples resumo de movimento d'este Grupo, peço-vos a maior indulgencia para as faltas que nelle encontrades, solicitando a vossa protecção para tão util estabelecimento de ensino, que apesar de modesto, já tem prestado relevantes serviços á população Maranguapense.

Aproveito a occasião para apresentar-vos os meus protestos de estima e consideração.

Candida Vieira Cavalcante,
Directora

Grupo Escolar "Benjamin Barroso" da cidade
de Maranguape, 23 de Abril de 1918

N.º 49

Ex.º Sr. Secretario do Interior

Tenho a honra de enviar a V.ª Ex.ª o relatório
d'este Grupo, relativo ao periodo de 21 de Julho
de 1916 a 31 de Dezembro de 1917

Saudações

At. Directora,
Candida Vieira Cavalcante

ANEXO F- RELATÓRIO DE PRESTAÇÃO DE CONTAS APRESENTADO AO
SECRETARIO DO INTERIOR REFERENTE AO PERIODO DE 1918- 1919

Relatório do Grupo Escolar (mistos) "Benjamin Barroso" da cidade de Maranhão, 31 de Outubro de 1918, apresentado ao Sr. Moacyr Caminha Inspector Regional, pela Directora, Candida Vieira Cavalcante.

Sr. Moacyr Caminha, M. D.
Inspector Regional.

Tenho a honra de apresentar-vos o relatório d'este estabelecimento relativo ao periodo de 21 de Julho de 1916 a 31 de Outubro de 1918.

Directoria

Tendo sido inaugurado este Grupo no dia 21 de Julho de 1916, inauguração feita com certa solenidade e brilhantismo, prestando n'essa occasião o devido compromisso o corpo docente e administrativo, composto das professoras que abaixo digo, da Inspectora Joanna Alves Brazil e Porteira Anna Soares da Costa, assumi por minha vez o cargo de Directora para o qual fui nomeada por acto da Presidencia de 30 de Junho de 1916, cargo que tenho exercido ininterruptamente até esta data.

Corpo docente de 1916

1. ^a Classe.	D. Emilia de Pontes Vieira
2. ^a " "	D. Lydia de Pontes F. Vieira

3. ^a Classe	D. Isabel Amelia Pereira
4. ^a "	D. Maria Leonora S. Brazil
5. ^a "	D. Alice Vieira Chaves

Corpo docente de 1917

1. ^a Classe	D. Lydia de Pontes F. Vieira
2. ^a "	D. Emilia de Pontes Vieira
3. ^a "	D. Isabel Amelia Pereira
4. ^a "	D. Maria Leonora S. Brazil
5. ^a "	D. Alice Vieira Chaves

Matricula e frequencia

Foram matriculados no anno de 1916, 207 alumnos sendo: 90 na 1.^a classe, 55 na 2.^a 32 na 3.^a, 22 na 4.^a e 8 na 5.^a tendo como auxiliar na 1.^a Classe a Inspectora Joana Alves Brazil, sendo o n.^o de meritoras 115 e meritos 91.

Fizemos uma conferencia mensal na qual marcamos os pontos da semana resolvendo a festinha do fim do anno. Fizeram exame 66 alumnos sendo: 19 da 1.^a Classe, 19 da 2.^a 14 da 3.^a e 14 da 4.^a sendo todos approvados, distinguindo-se na 1.^a Classe: Alfredo Bessa, Joao Baptista, Maria Augusta Chaves, e Hildrey Fernandes; na 2.^a Hugo Vieira Cavalcante, Jose D. de Moura, Luis Girao, Jose Severiano, Luiz Rodrigues, Bolivar Cicero Netto, Francisco Pereira Lima, Alice Uchida, Odette Uchida, Carmen Miranda; na 3.^a Clavis Costa, Jose Luiz, Maria Urania e Maria Eliza Uchida; na 4.^a Arthur Vieira, Luiz Costa, Maria Alice e Maria Stella.

o houve escasse na 5.^a Classe por não estar bem
varada.

Durante o anno de 1917 foram matriculados
22 alumnos sendo: 47 na 1.^a Classe, 26 na 2.^a,
na 3.^a, 14 na 4.^a e 14 na 5.^a sendo tambem menor
de meninos. Atribuio a pouca frequencia
se anno a exiguidade de horas pela reforma que
sou por ser misto o referido Grupo.
este anno fizemos 4 conferencias sendo o assumpto
1.^a a realisacao d'um concurso de Portuguez, entre
Classes 5.^a e 4.^a, obtendo o 1.^o logar Jose Nogueira
(Classe) que foi estampado no quadro de honra; da
um passeio escolar e a enthronisacao da effigie sacro-
ta do S. Coracao de Jesus, com licenca verbal do
r. Secretario do Interior; da 3.^a novo concurso
Portuguez, cujas provas foram julgadas (sem assigna-
2) pelo Sr. Francisco Rosa D. Inspector escolar,
do o 1.^o logar Maria Stella V. Cavalcante
(Classe). Tivemos para assumpto da 4.^a a combi-
ao de uma farda (amarello e branco para as me-
as) e haki para os meninos, a qual nao existe mais.
em Julho de 1917 a 21 commemoramos a data
fundacao do Grupo com uma dupla festividade sendo:
a civil e outra religiosa, que consistiu da enthroni-
o do S. Coracao de Jesus. Prestaram exame nesse
o 50 alumnos sendo approvados com distincao na
Classe: Laiz de Bivar Camara, Meiquel Fer-
des, Francisco Guedes Tabosa; na 2.^a Classe:
dalgisa de S. Lima, Hildrey Fernandes, Julia
Araujo, Maria Augusta Chaves e M.^a Simoes;
3.^a Classe: Carmen Pereira, Ecila Lopes, Juacy-
lyna, Maria Palmyra, Hugo Vieira Cavalcante

houve escasse na 5.^a Classe por não estar bem nada.

Durante o anno de 1917 foram matriculados 212 alumnos sendo: 47 na 1.^a Classe, 26 na 2.^a, e 3.^a, 14 na 4.^a e 14 na 5.^a sendo tambem menor de meninos. Atribuiu a pouca frequencia anno a exiguidade de horas pela reforma que se fez por ser misto o referido Grupo. Neste anno fizemos 4 conferencias sendo o assumpto a realisacao d'um concurso de Portuguez, entre classes 5.^a e 4.^a, obtendo o 1.^o logar Jose Nogueira (asse) que foi estampado no quadro de honra; da mesma passio escolar e a enthronisacao da effigie sacro do S. Coracao de Jesus, com licenca verbal do Secretario do Interior; da 3.^a novo concurso Portuguez, cujas provas foram julgadas (sem assigna) pelo S. Francisco Rosa D. Inspector escolar, e o 1.^o logar Maria Stella V. Cavalcante (asse). Tivemos para assumpto da 4.^a a combi- de uma farda (amarello e branco para as me) e kaki para os meninos, a qual nao existia mais. Julho de 1917 a 21 commemoramos a data fundacao do Grupo com uma dupla festividade sendo: civil e outra religiosa, que constou da enthroni do S. Coracao de Jesus. Prestaram exame nesse 50 alumnos sendo approvados com distincao na classe: Laís de Bivar Camara, Miguel Fer- Francisco Guedes Tabosa; na 2.^a Classe: Egisa de S. Lima, Hildecy Fernandes, Julia naujo, Maria Augusta Chaves e M.^h Simões; Classe: Carmen Pereira, Ecila Lopes, Juracy- na, Maria Palmyra, Hugo Vieira Cavalcante

e José de Moura; na 4.^a Classe: Alice Nogueira, e Maria de S. Lima; na 5.^a Classe: Abira Costa, Alice Cabral, Hermínia Rodrigues, Suzana Prata e Arthur Vieira.

No dia 10 de Novembro realizou-se a distribuição de premios com toda a solemnidade, obedecendo o seguinte programma approved pelo Sr. Secretario do Interior.

Programma da festa do encerramento das aulas do Grupo Escolas "Benjamin Barroso" da cidade de Maranguape a realizar-se no dia 10 de Novembro de 1917.

1.^a parte

Olar, a patria e Deus (hymno) cantado pelos alumnos.

Distribuição de premios e certificados.

2.^a parte

Quando eu for grande (poesia) pelo alumno, Hugo Vieira Cavalcante.

O mundo está torto (poesia) pelo alumno, Clovis Costa.

A instrução (poesia) pelo alumno, José Nogueira Maria.

Amoedivida de ouro (monologo) pela alumna, Ecila Lopes.

Os dois priminhos (dialogo) pelos alumnos, Hugo Vieira Cavalcante e Maria Augusta Chaves.

Phantasma (comedia) pelos alumnos, Clovis Costa, Maria Estella V. Cavalcante e Maria Valentin.

3.^a parte

Hymno ao estudo

A perola e a lagrima (dialogo) pelas alumnas, M.^a Stella,

Maria Elisa Uchida
 (prosa e a estrellita (diálogo) pelas alunas, St. Liza
 Costa e Susana Trata.

Discurso por St. Liza Costa

" " Maria Nogueira

" " Maria Alice Chaves.

Medio efficax (comédia) pelos alumnos, José Nogueira
 Liza Elvís Costa, Raimundo Valentim, Maria
 Lima e Georgina Rodrigues.

Hymno nacional
 Exposição dos trabalhos e desenhos.

Anno de 1918

Corpo docente

1 ^a Classe.	D. Isabel Amelia Pereira
" "	D. Lydia de Pontes F. Vieira
" "	D. Emilia de Pontes Vieira
" "	D. Maria Leonese S. Brazil
" "	D. Alice Vieira Chaves.

Matricula

De acordo com o art. 33 do Regulamento dos Grupos
 Escolares, foi aberta a matricula no dia 22 de Dezembro
 ultimo, não apparecendo porém, nenhum alumno, somente
 dia 2 de Janeiro em diante, como se vê no quadro abaixo.

	Dias lectivos	Matricula geral	Frequencia
Jan	21	108	84
Febr	18	127	85
Março	16	129	106
Abril	22	138	105

parlito - cançoneta - Luiz Gomaga Valentim
 alfabeto - poesia - Myde Chaves
 astrologo e a campeona - dialogo - Clovis Costa
 e Maria Stella Vieira Cavalcante
 Discurso - José Domingues de Moura
 travessuras - cançoneta - Hugo Vieira Cavalcante.
 Depois da execução do programma, o Presidente di-
 riu á Directora e professoras, palavras de incita-
 ção ao fim que se propõem nas escolas recomendando-
 les inventar na alma das crianças o patriotismo tão ne-
 cessario ao engrandecimento do nosso caro Brazil.
 A 3.^a tratamos de uma sessão civica extraordinaria no
 3 de Maio. No 24 de Julho festejamos o
 anniversario do Grupo com um passeio escolar e um
 curso de Portuguez, obtendo o 1.^o lugar na 5.^a Classe,
 Myde Chaves, na 4.^a Carmen Miranda e na 3.^a
 Maria Alice Correia, os quaes ^{alunos} estão no quadro da
 1.^a

Nos dias 21 e 22 de Outubro realisaram-se os exames
 71 alumnos sendo: 12 da 1.^a Classe, 19 da 2.^a, 14
 3.^a, 16 da 4.^a e 10 da 5.^a distinguindo-se na 1.^a
 classe, Anna Lopes, Maria Odette Bezerra,
 Caymunda Mendes e Heronnes Chaves; na 2.^a
 Ath. Rodrigues, Aurelia Chaves, Flora da Silva,
 Lia Coelho, Josepha Ribeiro, Laís de Bivar,
 Mira Diniz, Maria Rodrigues, Nensa Herbst,
 Miguel Fernandes e Jorge Monteiro; na 3.^a Alvaro
 Rodrigues, Adalgisa de Sousa Lima, Maria
 Contenegro, Maria Striguota Chaves, Hildrey
 Mendes, Maria Talosa, Evangelina Campos
 Francisca Mendonça; na 4.^a Hugo V. Cavalcante,
 José Domingues de Moura, Maria Verania do
 Nascimento, Carmen Miranda, Alice Uchôa.

Maria Pereira da Costa e Georgina Rodrigues;
na 5.^a Laura Chaves, Luiza Costa, Maria
Stella V. Cavalcante e Maria Alice Chaves.
Receberam certificados 10 alumnas da 5.^a Classe e
14 da 3.^a

Após os exames recitaram minutas poesias, mono-
logos, dialogos, as alumnas seguintes:

"O passaro captivo" — poesia — Hildecy Fernandes.

"As Flores" — monologo — Maria Rodrigues Alves.

"O Deus" — dialogo — Laís de Bivar Carnara e
Luiza Diniz

"A Lagarta rosada" — monologo — Maria Montenegro

"A faca e a thesoura" — monologo — Hugo V. Cavalcante

"O astrologo e a camponesa" — dialogo — Clovis Costa
e Maria Stella Vieira Cavalcante.

"Contemplando a bandeira" — dialogo — Georgina
Rodrigues e Ecila Lopes.

Discurso de despedida por Maria Stella V.
Cavalcante, terminando a festa com o hymno
a bandeira.

Terminando este resumido relatório, peço desculpa
do trabalho e renovo os meus protestos de admiração e
respeito.

Grupo Escolar "Benjamin Barroso" da cidade
de Maranguape, 31 de Dezembro de 1918

A Directora,
Candida Vieira Cavalcante.

ANEXO G- RELATÓRIO DE PRESTAÇÃO DE CONTAS APRESENTADO AO
SECRETARIO DO INTERIOR REFERENTE AO PERIODO DE 1916-1918

Relatório do Grupo Escolar (anexo) "Benjamin
Castro" da cidade de Mararanguapé, apresentado an-
teriormente ao Ex.^{mo} Sr. Secretario do Interior, pela
Secretaria,

Candida Vieira Cavalcante.

Directoria

Continuando no exercicio do meu cargo, tenho me
tido sempre firme na subordinação ás leis do nosso
Regulamento, esforçando-me para, com todo o zelo
cumprir a honrosa missão de que fui incumbida,
contando com minhas auxiliares. Trago ao estabeleci-
mento que dirijo a confiança e apreço da familia
mararanguapense.

Corpo docente
1918 - 1919

Classe, Isabel Amelia Pereira
" Lydia de Pontes Fernandes Vieira
" Emilia de Pontes Vieira
" Maria Leonese de Souza Brazil
" Alice Vieira Chaves.

Continuam desempenhando regularmente os seus
deveres a Inspectora Joana Alves Brazil, Argentina
Moraes do Nascimento no seu papel de servente,
Porteira Helena Soares da Costa que, com muita
dedicação, zelo, ordem e assiduidade, conserva a sua escriptu-
ra.

Matricula e frequencia.

Foram matriculados em 1918, 169 alumnos sendo:
50 na 1.^a Classe, 2.^a 29, 3.^a 22, 4.^a 22 e 5.^a 23.

Tendo salido 23 alumnos até Junho, quando
começa este relatório, ficou a matricula em 146.

Em 1919 foram matriculados 170, sendo:
66 na 1.^a Classe, 29 na 2.^a, 26 na 3.^a, 16 na 4.^a e
20 na 5.^a. Saliram 13 até o mez de Abril.

O numero de alumnas tem sido sempre superior.

Alumnas 93.

Alumnos 64.

O movimento das diversas classes foi o seguinte:

	Dias lectivos.	Matr. geral.	Frequencia
Junho	14	146	111
Julho	20	153	103
Agosto	22	147	116
Setembro	20	146	110
Outubro	13	139	102

	1919		
Janerio	15	125	77,83
Fevereiro	19	138	112,84
Março	18	157	132,26
Abril	16	157	135,68

Ensino

Na 1.^a Classe o numero de alumnos tendo accedido
ao determinado pelo Regulamento vigente, no instante
passado pelo professor d'este Grupo e momento para mais

mas a matricula deficiente, resolvi formar uma classe, a minha direcção, auxiliando a professora da dita Classe Isabel Amelia Pereira, que sem um auxilio não podia dar conta de tão excedido n.º de alumnos.

A ausencia dos objectos imprescindiveis ao ensino pratico, não nos tem sido possível executar os mandatos do Regimento Interno, se bem como deve ponderar V. Ex.ª vencendo mil difficuldades.

Exames.

Devido a epidemia que atravessámos o anno pasado, fomos obrigadas a começar os exames n'esse anno 21 de Outubro por ordem especial do nosso digno Inspector Regional Sr. Moacyr Caminha. Prestaram exames 71 alumnos sendo: 1.ª Classe 12; approvados com distincção 4, plenamente 7, e simplesmente 1. 2.ª Classe 19; 12 distincção, 6 plenamente e 1 simplesmente. 3.ª Classe 14; distincção 8, plenamente 6. 4.ª Classe 16; distincção 7, plenamente 7 e 2 simplesmente. 5.ª Classe 10; distincção 4 e plenamente 6.

Certificados

Receberam certificados de estudos do 1.º gráo:
Alvaro R. Mariano, Aljio R. Mariano,
Abalgisa de S. Lima, Elsa Gaspar, Evargelina C.
Torquato, Francisca Mendonça dos Santos, Hildecy
Fernandes, Julia de Stranho, Maria Augusta C.
Claves, Maria Alice Correia, Maria Amelia
da Motta, Maria Montenegro F. Gomes, Maria
Simões e Maria Guedes Tavares.

receberam certificados do 2.º grão: Luiza Costa, Maria Alice Chaves, Maria Stella Cavalcante, Alice Moura, Lauro V. Chaves, Francisco F. Vieira e Rodrigues Filho, Clovis Costa, José Luiz de Oliveira e Samuel Simões.

Disciplina

Ante a conduta dos alumnos d'este Grupo nada annotar, a não ser pequenas faltas pelas quaes têm sido ponderantes conselhos, sinceras admoestações minha parte e da parte das professoras que os fazem.

Despesa

Durante os meses de Junho de 1918 a Abril 1919 a despesa importou em 180\$000 verba destinada para o expediente.

Bibliotheca

Comprehendo de grande utilidade e para um estabelecimento de instrucção, a fundação de uma bibliotheca, tratei de pôr esta ideia em execução, já tendo assegurado a pedido meu, de diversos cavallheiros amans das lettras, a offerta de alguns livros. Agora appello para os humanitarios e elevados sentimentos de V. Ex.ª solicitando a providencia no sentido de ser munido o Grupo de uma estante accommodativa ao fim a que deve ser destinada.

Estandarte

Com não frequente esforço, consegui á expensas do espectralente, a confecção de um lindo e bem significativo estandarte, cuja divisa é Deus e Pátria. A confecção d'este standarte, como que, mais accentuou a necessidade de uma bandeira nacional. Obtive por meio de aquisição particular uma bem conservada bandeira brasileira que em dias feriados estaduais e federaes é icada em haste propria na fachada do edificio em que funciona este Grupo.

Festas.

Não nos sendo possível, o anno passado executar uma festinha no fim do anno, como estamos habituadas a fazer, resolvemos da melhor forma resumirido, devido ao estado sanitario.

Após os exames da 5.^a Classe reunimo-nos e executamos o seguinte programma.

O passar o captivo (poesia) Hildecy Fernandes.

As flores (monologo) Maria Rodrigues Alves.

O dever (dialogo) Luis de Bivar Carnara e Luiza Duriz.

A lagarta rosada (monologo) Maria Montenegro.

A faca e a thesoura () Hugo Vieira Cavalcante.

O astrologo e a camponesa (dialogo) Clovis Costa e Maria Stella Vieira Cavalcante.

Contemplando a bandeira (dialogo) Georgina Rodrigues e Ecila Lopes.

Discurso de despedida Maria Stella V. Cavalcante.

Terminou a reunião com o hymno á bandeira.

No dia 3 de Maio de 1918 ás 12 horas realizou-se

uma sessão cívica, concorrendo diversas pessoas, gradas e amadoras das letras, sahindo todas bem impressionadas com a singela festinha.

Esse o programma:

Hymno Brasileiro

Exposição do facto da descoberta do Brazil, recitado em prosa pela alumna da 5.^a Classe Maria Stella V. Cavalcante; discurso por Alice Moura; a "patria" (poesia) pelo alumno Raymundo Valentim; (monologo) "mizka patria" pelo alumno Hugo V. Cavalcante; Historia minuciosada da descoberta do Brazil pelo alumno Lauro Clares; a "patria" (poesia) por Luiz Valentim; discurso por José Domingues de Moura.

Hymno nacional.

Afios o acto agradeceu aos assistentes em simples palavras, a Directora.

No dia 26 de Maio do mesmo anno realisamos uma festinha por occasião da inauguração do predio remodelado para o Grupo Escolar, obedecendo a um programma variadissimo. Assistiu a esta festa o Ex.^{mo} Sr. Presidente do Estado D.^o João Thomé de Saboya e Silva, que sahio bem impressionado deixando gravada a sua visita.

No dia 21 de Julho festejamos o anniversario da fundação do Grupo com um passeio Escolar, um concurso de Portuguez e uma missa que assistiu todo o corpo docente e discente do Grupo.

Como no anno passado, este anno, temos feito com os alumnos passeios escolares, exercicios de gymnastica, susoa, concursos etc, afim de estimular as creanças que tem necessidade de desenvolver o espirito, embora encontrando aversão da parte dos paes, nem por isso esmorecemos, no desempenho de tão ardua missao.

VVV

Relação dos móveis e utensílios do Grupo Escolar
"Benjamin Barroso" da cidade de Maranguape,
de 1918 e 1919

Objectos	Qualidade	Estado	Entradas	Observação
79 Bancos-carteiras	Faixa	Novos	21 Julho	
1 carteira para escrever	cedro	velhas	" "	
6 bancos-assento	"	"	" "	
7 quadros pretos	"	"	" "	
5 estrados	fimbo	"	" "	
6 mesas	cedro	novas	" "	
4 tympanos		"	" "	
3 relógios		"	" "	
1 relógio de madeira		"	" "	
3 cabides	"	"	26 Maio	
1 sineta		"	" "	
4 cartas geográficas		"	21 Maio	
2 escurvarintias	metal	velhas	" "	
6 cadeiras simples		novas	" "	
2 jarras		velhas	" "	
3 lavatórios	fimbo	novos	" "	
4 toalhas	lino	"	" "	
3 bacias	agatha	"	" "	
4 vasos	"	"	" "	
5 canecos	"	"	" "	
2 " "	flandres	"	" "	
1 esparador		velho	" "	
1 balde	agatha	novo	" "	
1 pegador	flandres	"	" "	
5 portas-tinteiras	fimbo	"	" "	
1 livro matricular geral		novo	" "	

Continuação

N.º	Objectos	Qualidade	Estado	Entrada	Observações
5	livros porito diario		novo	21 Julho	
1	para visitas		"	" "	
1	" termos e actas		"	16 Julho	
1	inventario		"	" "	
1	registro		"	" "	
1	para o porito do pessoal		"	" "	
27	livros archivados		velhos	" "	
4	cartos para papel		"	" "	
1	quadro do S. C. de Jesus		novo	21 " 17	
1	" photographia do D.º João Thomé		"	26 Maio 18	
2	quadros de honra com o nome dos alumnos que mais se têm distinguido		"	21 Julho 18	
1	quadro de feriados		"	" "	
1	esqueleto		"	" "	
1	estandarte		"	" "	
1	bandeira nacional		"	3 Maio 19	
1	tribuna e um toilette pequeno		"	" " "	

Conclusão

Finalizando este trabalho de relação, conto, que me
haveis de desculpar qualquer defeito que a'elle houver.
Com inteira persuasão, espero de nosso benemerito
governo, o mesmo apoio, apreço e interesse á sublime
causa da instrucção.

Styproveito a occasião para apresentar a V.ª Esc.^{cia}
os meus protestos de estima e consideração.

Candida Vieira Cavalcante,
Directora